

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE JORNALISMO

ANA CLARA CUNHA SOUZA E CARRIJO PEREIRA

**A REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NO CINEMA: ANÁLISE CULTURAL DO  
PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER NO FILME “BARBIE”  
(2023)**

Uberlândia  
2025

ANA CLARA CUNHA SOUZA E CARRIJO PEREIRA

**A REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NO CINEMA: ANÁLISE CULTURAL DO  
PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER NO FILME “BARBIE”  
(2023)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade  
de Educação da Universidade Federal de  
Uberlândia como requisito parcial para  
obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Gerson de Sousa

Uberlândia  
2025

ANA CLARA CUNHA SOUZA E CARRIJO PEREIRA

**A REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NO CINEMA: ANÁLISE CULTURAL DO  
PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER NO FILME “BARBIE”  
(2023)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade  
de Educação da Universidade Federal de  
Uberlândia como requisito parcial para  
obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Uberlândia, 5 de maio de 2025.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Gerson de Sousa – UFU

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Diva Souza Silva - FAGED UFU

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elenita Pinheiro de Queiroz Silva - FAGED UFU

À minha mãe, irmã e avós, minhas primeiras  
representações do "ser mulher".

## AGRADECIMENTOS

Em breves palavras tentarei representar os tantos afetos que perpassam o processo de escrita deste trabalho e de conclusão da minha graduação.

Acredito que meu contato inicial com o cinema se entrelaça com o meu primeiro contato com o “ser mulher”. Não me lembro de um período da minha vida em que não sabia o que essas duas esferas eram.

Com o passar dos anos, no entanto, pude intensificar meu olhar na compreensão e profundidade que essas áreas representam, não só para mim, mas para o meio à minha volta. Este trabalho é, também, a expressão dessa intersecção entre o íntimo e o político, entre o que me constitui e aquilo que escolhi estudar.

Meus agradecimentos, em geral, são para todos os que me antecederam e cruzaram meu caminho, durante não só esses quatro anos de faculdade. Não tenho dúvidas de que cada um, seja em cuidado, trocas, escutas ou aprendizados, colaborou para que este momento fosse possível.

Apesar da dificuldade que é encerrar ciclos, fico feliz por ter algo que faça com que dizer adeus seja tão difícil.

Em especial, quero agradecer aos meus pais que sempre priorizaram minha educação e se esforçaram para que eu chegasse até aqui na sombra, mesmo em momentos turbulentos ou de forte sol.

Sou grata à minha irmã por sempre me apoiar e estar ao meu lado. Grande parte do que sou e aprecio — desde referências como Clarice Lispector, Simone de Beauvoir e Greta Gerwig até Taylor Swift, Meredith Grey e Barbie — devo a ela.

Agradeço também a todas as mulheres que, por meio de filmes, livros, séries, músicas, poesias e falas, me motivaram a acreditar em mim.

Muito obrigada aos meus colegas e, especialmente, ao meu grupo de amigos da faculdade, que foram companheiros desde trabalhos e estágios até festas e barzinhos. Essa jornada não seria legendária sem vocês — agradeço o apoio e suporte em todas as manhãs, tardes e madrugadas.

Sou grata também às minhas amigas de vida, que conheci na escola e agora levo para mais uma etapa junto a mim. Mesmo que, por vezes, distantes, sempre carrego vocês por perto.

Por fim, gostaria de agradecer ao meu orientador pelo apoio, paciência e aprendizados durante o processo de escrita, e à Universidade Federal de Uberlândia, na qual vivi parte dos melhores — e mais desafiadores — anos da minha vida.

Mesmo em períodos difíceis, a universidade pública sempre será um lugar de acolhimento, resistência e fomento à pesquisa, arte e cultura.

“Você pode ser o que quiser”

(Barbie, 2023)

PEREIRA, Ana Clara Cunha Souza e Carrijo. **A representação de gênero no cinema: Análise cultural do processo de construção da identidade da mulher no filme “Barbie” (2023).** 2025. 50 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2025.

## RESUMO

O presente trabalho analisa a representação da mulher no filme Barbie (2023), dirigido por Greta Gerwig, com o intuito de compreender de que forma a representação de gênero no cinema, realizada por uma diretora mulher, se relaciona com a construção identitária do “ser mulher” na sociedade. A pesquisa está fundamentada na abordagem metodológica da análise cultural, que permite investigar como as práticas culturais — neste caso, o cinema — operam como dispositivos simbólicos na construção de significados sociais. Entre os objetivos específicos, busca-se compreender a relação entre representação e identidade, entender o cinema como um processo comunicativo e explorar o diálogo entre os estudos de gênero e os estudos culturais. Como resultado compreende-se que Gerwig (2023) propõe uma releitura crítica dos papéis de gênero tradicionais e oferece uma representação multifacetada da experiência feminina, evidenciando as tensões, contradições e transformações que marcam a construção do “ser mulher” na sociedade.

**Palavras-chave:** representação; identidade; estudos culturais; gênero; cinema.

PEREIRA, Ana Clara Cunha Souza e Carrijo. **Gender representation in cinema:** Cultural analysis of the process of constructing women's identity in the film “Barbie” (2023). 2025. 50 p. Monograph (Graduation in Journalism) - Federal University of Uberlândia, Uberlândia, 2025.

## **ABSTRACT**

This monograph analyzes the representation of women in the film Barbie (2023), directed by Greta Gerwig, with the aim of understanding how the representation of gender in cinema, by a female director, relates to the construction of the identity of “being a woman” in society. The research is based on the methodological approach of cultural analysis, which allows us to investigate how cultural practices - in this case, cinema - operate as symbolic devices in the construction of social meanings. The specific objectives include understanding the relationship between representation and identity, understanding cinema as a communicative process and exploring the dialog between gender studies and cultural studies. The result is that Gerwig (2023) proposes a critical re-reading of traditional gender roles and offers a multifaceted representation of the female experience, highlighting the tensions, contradictions and transformations that mark the construction of “being a woman” in society.

**Keywords:** representation; identity; cultural studies; gender; cinema.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                             |     |
|-------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 - Barbie Presidente no filme Barbie (2023).....    | 24  |
| Figura 2 - Midge Barbie no filme Barbie (2023).....         | 255 |
| Figura 3 - Barbie Estranha no filme Barbie (2023).....      | 26  |
| Figura 4 - Barbie Estereotipada no filme Barbie (2023)..... | 30  |

## SUMÁRIO

|                                                               |           |
|---------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>                                      | <b>11</b> |
| <b>2 BARBIELÂNDIA: A UTOPIA.....</b>                          | <b>16</b> |
| 2.1 Dinâmicas de gênero na festa e no “Mundo Barbie”.....     | 18        |
| 2.2 Inversão na Barbielândia.....                             | 20        |
| <b>3 CONSTRUÇÃO DE GÊNERO NA BARBIELÂNDIA.....</b>            | <b>23</b> |
| 3.1 Barbies e a identidade feminina.....                      | 24        |
| <b>4 BARBIE ESTEREOTIPADA: IDENTIDADE E FEMINILIDADE.....</b> | <b>30</b> |
| 4.1 Barbie, mulher, pressão e perfeição.....                  | 34        |
| <b>5 A CRÍTICA SOCIAL - O OLHAR DE GERWIG.....</b>            | <b>37</b> |
| 5.1 A retomada do poder feminino.....                         | 40        |
| <b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                            | <b>44</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                       | <b>48</b> |

## 1. 1 INTRODUÇÃO

O cinema e o jornalismo são campos que comunicam e informam o público, apesar de utilizarem de diferentes meios para isso. Ambas as áreas convergem no desenvolvimento de representações que contribuem na formação de concepções identitárias no meio social. Assim, muitas relações entre representações fílmicas e produções de sentidos podem permear ideias de construção de identidades na sociedade.

Nessa conjuntura, tem-se a representação de gênero no cinema, que agrega à maneira como a sociedade enxerga e compreende as identidades masculinas e femininas, desenvolvendo interpretações sobre o significado do “ser mulher”. A construção da identidade feminina, principalmente, foi alvo de diversas narrativas ao longo da história do cinema, muitas vezes retratando estereótipos e reforçando papéis de gêneros tradicionais.

Porém, com o aumento da presença de mulheres na produção cinematográfica, surge outra configuração dessas representações, que agora incluem novos olhares sobre a experiência feminina. Como a diretora e roteirista Greta Gerwig, que em 2023, dirigiu o filme “Barbie”, produzido pela Mattel Films.

A obra é um live-action da boneca mais famosa do mundo, que aborda a rotina da Barbie em seu mundo, a Barbielândia — em que diversas versões dela vivem juntas — , até que a personagem principal da trama, a “Barbie Estereotipada” (interpretada por Margot Robbie) começa a ver problemas em seu mundo e passa a questionar o sentido da própria existência.

O filme, sucesso de bilheteria e indicado ao Oscar, apesar de contar a história de uma boneca mundialmente conhecida por um rótulo de perfeição feminina e pelo slogan “Você pode ser o que quiser” (tradução própria), sob a direção de Gerwig, retrata um olhar diferente. A cineasta é um exemplo do cinema contemporâneo realizado por diretoras modernas, focadas em criar obras com ênfase nas experiências femininas por meio do próprio olhar.

Conhecida por sua abordagem intimista e sensível, Gerwig é uma cineasta que frequentemente explora a complexidade da experiência feminina em suas obras. Suas produções, como “Lady Bird” (2017) e “Adoráveis Mulheres” (2019), demonstram um olhar atento à identidade de gênero e às questões que envolvem a formação das mulheres na sociedade.

Na sociedade, há várias formas que compõem o “ser mulher”, que são marcadas e perpassam questões sociais, raciais, políticas, étnicas e econômicas. Sendo exatamente a

representação dessas diversas “feminilidades”, ou seja, pluralidade de versões dentro da identidade feminina, o foco do cinema de Gerwig.

Por meio dessa interligação entre cinema e sociedade, a partir da relação entre o processo de formação identitária e representação, e partindo do entendimento de que os olhares de interpretação do “ser mulher” de uma diretora e de um diretor se diferem, a questão norteadora que este trabalho busca responder é: **“De que forma a representação de gênero no cinema, realizada por uma diretora mulher, se relaciona com a construção identitária do ‘ser mulher’ na sociedade?”**.

A relevância desta monografia se funda no fato dela estabelecer reflexões que levam em conta os conceitos de representação e identidade, além de fazer uma análise com base na temporalidade apresentada na materialidade do filme *Barbie* (2023). Logo, se justificando pela necessidade de estudar e analisar essas representações para melhor compreendê-las na sociedade contemporânea.

A importância do presente trabalho, se estende do sujeito até o coletivo, porque ao trabalhar conceitos como representação e cinema podemos discutir sobre identidade. Por ser uma pesquisa que percorre representações cinematográficas e identitárias, ela também contribui tanto para os conhecimentos na área do cinema quanto dos estudos culturais.

No âmbito acadêmico, especialmente no campo do jornalismo e das comunicações, esta análise permite um aprofundamento crítico das representações de gênero e como elas são comunicadas ao público. O jornalismo, sendo uma área fundamental na formação de opinião, pode se beneficiar desse tipo de análise para entender melhor como o cinema contribui para narrativas que representam papéis de gênero.

Esta pesquisa acrescenta novas perspectivas ao diálogo entre o cinema e as questões de gênero e identidade, ancorando, sua justificativa teórica, nos estudos culturais, que são essenciais para analisar a ligação entre mídia, cultura, representação e identidade. Este trabalho também agrega valor aos estudos de gênero no cinema, o que possibilita o entendimento de como o cinema pode ser uma ferramenta poderosa para discutir identidade e representação.

Além disso, sua relevância ultrapassa a própria produção do filme *Barbie* (2023) e demais obras da diretora Greta Gerwig. Pois, reafirma a necessidade de dar espaço para produções que representam mulheres e sejam dirigidas por elas, ampliando as interpretações que envolvem a identidade feminina.

O diferencial da presente dissertação se estabelece na análise dos múltiplos olhares e possibilidades de representação e identidade que regem o “ser mulher”, tanto na ficção quanto na realidade, já que muitas vezes ambas se convergem.

Ademais, ao questionar a maneira como a representação de gênero no cinema, realizada por uma diretora mulher, se relaciona com a construção identitária do “ser mulher” na sociedade, afirma-se que a abordagem metodológica usada nesta monografia é a de análise cultural. Essa metodologia se caracteriza no reconhecimento das produções de sentidos e na identificação delas como padrões dentro do meio social.

Coiro (2016) escreve sobre isso em seu texto “A Análise Cultural”. Nele, a autora afirma que é a partir da análise cultural que se enfatiza o estudo de elementos como práticas residuais, dominantes e emergentes, que problematizam as dinâmicas culturais em um contexto social específico.

O problema levantado é de caráter qualitativo, porque a intenção da pesquisa está na compreensão de procedimentos e no aprofundamento acerca de construções subjetivas e não focado em resultados matemáticos. Como afirmado por Brito, Oliveira e Silva:

Se há a intenção de realização de um estudo com ênfase no conhecimento de determinados aspectos de natureza subjetiva, que não podem ser traduzidos em números, o tipo de abordagem será qualitativa (Brito; Oliveira; Silva, 2021, p. 2).

A partir disso, a presente monografia almeja analisar a forma como a diretora Greta Gerwig dirige *Barbie* (2023), abordando criticamente o papel que a boneca desempenhou ao longo das décadas como um ícone da feminilidade. A personagem, símbolo de perfeição e versatilidade, será analisada como uma representação culturalmente complexa que explora a pluralidade do “ser mulher”.

A intenção é compreender como se estabelece a relação entre a representação das personagens femininas, o significado de “ser mulher” e os espaços que elas ocupam na obra ficcional *Barbie* (2023), com a construção da identidade social da mulher na sociedade. O filme destaca questões como identidade, gênero e feminismo, o que permite a viabilidade da análise proposta a partir dos procedimentos anteriormente descritos e caracterizados.

Esta monografia é composta a partir de quatro bases norteadoras: representação, identidade, gênero e cinema. Seus capítulos estão divididos a partir da materialidade analisada, o filme *Barbie* (2023), e destacam quatro enfoques principais da obra: a “Barbielândia”,

sociedade utópica onde barbies e kens vivem em harmonia; as diferentes versões da Barbie presentes na trama; a narrativa, centrada na “Barbie Estereotipada” interpretada por Margot Robbie; e a crítica social estabelecida a partir do posicionamento da diretora Greta Gerwig.

Primeiramente, no capítulo, intitulado “Barbielândia: A Utopia”, é analisada a “Barbielândia”, uma realidade utópica onde diversas versões de barbies e kens vivem juntas. O foco é na análise desse local como uma realidade utópica na qual as mulheres são a figura hegemônica.

Em segundo plano, o capítulo: “Construção de Gênero na Barbielândia”, aborda a diversidade de versões de barbies e kens da Barbielândia e como essas representações retratam diferentes possibilidades de construção da identidade de gênero.

Já o capítulo “Barbie Estereotipada - Identidade e Feminilidade”, analisa a protagonista do filme, a Barbie Estereotipada, como uma representação da mulher perfeita e sua jornada de autodescoberta, identificando como a narrativa retrata os conflitos entre o padrão social de feminilidade e a busca da mulher por uma identidade própria.

No capítulo, intitulado “A Crítica Social - O Olhar de Gerwig”, será analisado como a diretora Greta Gerwig utiliza o filme Barbie (2023) para comunicar uma crítica social, abordando questões de gênero, feminismo e as dinâmicas de poder na sociedade contemporânea, além de como isso se relaciona com o processo de construção da identidade da mulher na ficção e fora dela.

Por fim, o último capítulo dessa pesquisa buscará trazer as considerações finais a respeito da análise da representação de gênero no cinema, realizada por uma diretora mulher, e sua relação com a construção identitária do “ser mulher” na sociedade. Além de conclusões acerca do entendimento do cinema como um processo comunicativo, da relação entre os estudos de gênero e culturais e da interligação dos conceitos de representação e identidade.

Portanto, essa pesquisa busca entender como o filme Barbie (2023), sob a direção de Greta Gerwig, contribui para a representação de gênero no cinema e de que forma essas representações se relacionam com a construção identitária do “ser mulher” na sociedade.

Ao explorar as escolhas estéticas e narrativas de Gerwig, a pesquisa investiga como a diretora utiliza seu olhar, enquanto mulher, para subverter representações tradicionais e estereotipadas de gênero, ao passo que propõe um novo retrato de feminilidade, mais plural e real.

Assim, a análise de *Barbie* (2023) oferece uma oportunidade de refletir sobre o papel do cinema na mediação das identidades femininas, sobretudo quando realizadas por mulheres, e como essas narrativas podem redefinir a percepção social do “ser mulher” na contemporaneidade.

## 2. 2 BARBIELÂNDIA: A UTOPIA

A Barbielândia, apresentada pela primeira vez no filme *Barbie* (2023), da diretora Greta Gerwig, é retratada como uma realidade utópica e perfeita, na qual diversas versões de barbies e kens vivem juntas harmonicamente. O lugar, com cores vibrantes e um ar de perfeição, é dominado por casas em formas geométricas, tons pastéis e uma estética meio antiga, como dos anos 50 e 60.

As ruas cor de rosa são brilhantes de tão limpas e os caminhos rodeados de área verde, tudo perfeitamente construído que propositalmente parece um cenário e não um lugar real. A sociedade da Barbielândia é uma representação de plena harmonia, onde barbies (mulheres) e kens (homens) coexistem em equilíbrio. Assim, a cidade funciona como uma representação do paraíso, livre de conflitos ou imperfeições.

A casa da protagonista — Barbie Estereotipada — interpretada por Margot Robbie, é um dos principais elementos da Barbielândia, e retrata essa utopia de perfeição. A residência, como todas do local, praticamente não têm paredes e se assemelha a uma “casa de bonecas”. Nela, somos imersos em um ambiente que apesar de organizado e esteticamente agradável, é tão impecável que se torna artificial.

O quarto da Barbie é um espaço marcado por estéticas socialmente atreladas ao feminino, como a cor rosa, brilho, roupas, acessórios e maquiagem. Tudo na casa apesar de bonito e organizado, não é funcional ou real, como a própria cama que tem um cobertor feito de lantejoulas prateadas.

O lugar também conta com um “armário dos sonhos”, em que todas as roupas estão perfeitamente passadas, limpas e posicionadas em cabides. O guarda-roupa ganha evidência quando a personagem vai escolher suas roupas para iniciar o dia, um processo que parece mágico, onde não há dúvidas, roupas que não vestem bem ou que estejam sujas, mas um acervo de vestuário impecável e sem fim.

Cada detalhe, além de reiterar um estilo de vida perfeito e irreal, remonta a uma “casa de boneca”, pois apesar de possuir itens comuns de uma casa, como chuveiro e geladeira, no chuveiro não sai água e dentro da geladeira as caixas de leite estão vazias. Mostrando que um ambiente como esse, lindo, limpo e sem imperfeições, só poderia ser fictício.

Isso contribui para a sensação de uma realidade estereotipada e “falsa”, sem espaço para erros ou defeitos. Na casa, como no restante do “Mundo Barbie”, tudo funciona perfeitamente, como se a beleza e as aparências fossem mais importantes do que a praticidade e a realidade.

Nesse viés, ao relacionar a utópica Barbielândia e a estética nela retratada com as teorias dos Estudos Culturais, podemos entender como o filme Barbie (2023) funciona como uma representação simbólica da sociedade. Principalmente, no que diz respeito à construção da identidade de gênero e das dinâmicas sociais de poder.

O cenário da Barbielândia e sua perfeição, se alinha a um dos elementos centrais dos Estudos Culturais, que é a análise de como as representações culturais carregam e reforçam determinadas ideologias. Definido por Cevalco (2003) como um campo que investiga as formas pelas quais a cultura, em suas diversas manifestações, atua na construção de significados e nas dinâmicas de poder.

Essa área de estudo busca compreender como os sujeitos e grupos sociais se relacionam com as representações culturais. Que, por sua vez, não são construções vazias de significados, mas que carregam determinadas ideologias e contribuem ativamente para a construção e reprodução da realidade.

A Barbielândia, como um espaço utópico e idealizado, retrata essa ideia ao representar uma sociedade onde as relações de gênero estão em equilíbrio, com barbies e kens coexistindo harmonicamente. Porém, essa “realidade” é uma construção estereotipada, que oculta as desigualdades e profundidades presentes nas dinâmicas de gênero da contemporaneidade.

O mundo retratado em Barbie (2023) exemplifica a crítica central dos Estudos Culturais, ao ilustrar como representações, nesse caso cinematográficas, podem mascarar e perpetuar ideologias hegemônicas.

Apesar da harmonia e perfeição da Barbielândia não serem condizentes com a realidade social, ela continua sendo uma sociedade que silencia o debate acerca de questões de gênero e disparidades de poder.

Essa relação da mídia como um local de reprodução dos ideais que prevalecem na sociedade é expressa na análise de Cevalco:

A própria estrutura hierárquica da mídia - com seus procedimentos de direção e de revisão, os papéis institucionais que essa organização confere a seus participantes - contribui para que as ideias dominantes continuem a ser reproduzidas por ela (Cevalco, 2003, p. 104).

A artificialidade da Barbielândia também remete aos estudos de Hall (1989), em que é argumentado como as representações — nesse caso cinematográficas — são processos de negociação de significados e não simples retratos da realidade.

Assim, as imagens estereotipadas, que dominam a Barbielândia, não são neutras, mas produzem e reforçam uma identidade de gênero idealizada e padronizada. Isso, se alinha com a ideologia patriarcal e machista, na qual o “ser mulher” é reduzido a uma imagem superficial e perfeita.

Ao analisarmos essa conjuntura com base nos estudos de identidade de Woodward (2012) e Hall (2006), nota-se como o filme usa esse cenário perfeito, tanto da Barbielândia quanto da casa da protagonista Barbie Estereotipada para explorar a construção da identidade feminina.

A Barbie e sua casa não são apenas uma ilustração da identidade do “ser mulher”, mas uma representação social que carrega e dita um padrão de feminilidade a ser seguido. A construção da personagem como um modelo de perfeição e beleza se alinha ao ideal de que a mulher deve ser perfeita e bela.

No campo dos Estudos Culturais, podemos conectar esse cenário com o conceito de Materialismo Cultural de Cevalco (2003). A cidade e a casa da Barbie são representações de uma cultura que está profundamente ligada a normas sociais e econômicas, de um sistema com ideologia dominante capitalista e patriarcal.

Como as representações culturais são produzidas e consumidas em um meio social e econômico específico, a utópica Barbielândia funciona como uma representação que carrega e expressa significados a respeito da identidade feminina, sendo um produto cultural feito para “servir” um sistema maior.

A Barbielândia, a casa impecável da Barbie e a perfeição desse universo, funcionam como uma crítica às construções idealizadas da identidade feminina, que ignoram as complexidades e os desafios do “ser mulher” na contemporaneidade, ao mesmo tempo que reforçam padrões sociais inatingíveis.

## **1. 2.1 Dinâmicas de gênero na festa e no “Mundo Barbie”**

Ainda no longa, mas caminhando para o fim da primeira parte do filme, é realizada uma festa na utópica Barbielândia, com todas as versões de barbies e kens juntas, mais uma vez em um cenário de perfeição e idealização.

A celebração é ilustrada como um ambiente vibrante, animado e com um número musical com todos reunidos dançando e cantando. Entretanto, aqui as mulheres estão em primeiro plano na cena, se destacam como as protagonistas, porque na Barbielândia, cada barbie tem sua própria designação e carreira, condizentes aos papéis mais importantes da sociedade.

Em contraste, a figura masculina é pouco desenvolvida e apresentada como secundária. Apesar de na cena os kens contarem também com um momento de destaque, dançando juntos, tanto na celebração quanto no Mundo Barbie, eles são “menos importantes”, excetuando atividades vistas mais como passatempo do que carreiras.

Os kens estão constantemente esperando para serem percebidos e receberem atenção das barbies. Como quando os protagonistas Barbie Estereotipada (interpretada por Margot Robbie) e Ken (interpretado por Ryan Gosling) estão na pista de dança juntos, ela sai para ficar com as amigas e ele se chateia, ficando triste por perder a atenção feminina.

Essa festa na utópica Barbielândia, de Greta Gerwig, apresenta uma representação crítica da identidade de gênero, em que os papéis das mulheres (barbies) e dos homens (kens) estão avessos aos da sociedade atual — machista e patriarcal.

Os papéis atrelados ao feminino e ao masculino estão desconstruídos e renegociados, porque as mulheres ocupam o protagonismo e os homens servem como acessórios a elas e suas funções.

Esse retrato disruptivo da realidade contemporânea, se relaciona com os conceitos de Hall (1989) que define o cinema como um espaço dinâmico, de construção e negociação da identidade cultural, uma conciliação constante entre os significados sociais e individuais.

As representações de gênero no cinema não são simplesmente uma reprodução do mundo, mas uma construção ativa de significados culturais que podem reforçar ou contestar estereótipos. Para o autor, a identidade cultural é uma formação dinâmica e sujeita a transformações, como as realizadas por Gerwig em Barbie (2023) ao inverter os papéis de gênero e consequentemente as dinâmicas de poder.

Durante a festividade, as barbies são retratadas como protagonistas centrais e ativas, comandando a celebração, enquanto os homens — kens — orbitando ao redor delas. Esse

movimento oposto, em que os homens deixam de ser os sujeitos centrais para se tornarem figuras periféricas, gera uma inversão da ordem de gênero tradicional.

Esse tipo de representação, ao subverter normas de gênero, traz uma crítica às construções sociais e tradicionais de masculinidade e feminilidade. Aqui a diretora Greta Gerwig sugere uma possível reconfiguração das relações de gênero, onde as mulheres ocupem o papel central, permitindo a construção de novas narrativas acerca do “ser mulher”.

A dinâmica de gênero em *Barbie* (2023) é avessa à existente na sociedade atual, do século XXI. Se na realidade, o sistema que rege é patriarcal — em que a mulher é submissa e tratada como “o outro” em relação ao homem — na Barbielândia é oposto.

A cena reforça uma disparidade de poder. Enquanto as barbies estão à frente, controlando e protagonizando a celebração, os kens estão em segundo plano, atrás, simbolizando a “distância” deles em relação às conquistas e a centralidade das mulheres.

Essa subordinação dos kens e sua constante busca pela atenção das barbies reforçam a ideia de que nesse universo os homens precisam validar sua identidade por meio da aprovação e da atenção feminina.

Esse contraste é significativo, porque não só apresenta uma redivisão dos papéis de gênero, mas destaca a representação de um mundo onde as mulheres ocupam um espaço de protagonismo, enquanto os homens orbitam ao redor.

## **2. 2.2 Inversão na Barbielândia**

Em uma das cenas mais impactantes do filme, a protagonista Barbie Estereotipada retorna para a utópica Barbielândia, após visitar o Mundo Real e encontra uma realidade completamente transformada e dominada pelos kens.

Quando Barbie parte para o Mundo Real, em uma jornada de autodescoberta, ela se choca com a realidade patriarcal e machista na sociedade. Enquanto isso, Ken, que foi com ela contra sua vontade, se deslumbra com esses ideais e retorna para a Barbielândia ansioso para compartilhar suas descobertas.

Já um tempo depois, quando a protagonista Barbie volta, ela encontra o oposto de um lugar acolhedor e colorido. Agora a cidade passa a ser uma “Kenlândia” ou “Reino do Ken”, dominada por normas e símbolos masculinos, com cores escuras e uma estética faroeste, com cavalos e objetos típicos de estereótipos masculinos.

O que antes era um lugar de harmonia e equilíbrio, repleto de paletas de cores suaves em tons de rosa, agora é um espaço criado, nomeado e controlado pelo protagonista Ken, interpretado por Ryan Gosling.

A casa da Barbie foi transformada em um templo à masculinidade, cercado por troféus, quadros de musculação e fotos do Ken em poses de poder e força. Ao invés de um ambiente de empoderamento feminino, Barbie se vê em um cenário repleto de ideais de masculinidade, lembrando o Mundo Real em que esteve — no qual o poder masculino é centralizado em símbolos e no esforço constante de afirmação da hegemonia do homem.

A transformação não é só estética, mas ideológica. A Barbielândia aqui passa a ser um lugar voltado para a exaltação da força física e virilidade masculina, o que substitui a antiga ordem — regida por mulheres — para um ambiente em que os homens ocupam o centro das atenções.

Aqui, o filme utiliza das representações de barbies e kens para criar uma narrativa crítica sobre os papéis de gênero e as relações de poder. A princípio, a Barbielândia era um lugar onde as mulheres (barbies) tinham poder, representando uma sociedade mais igualitária, porém quando os kens assumem o controle e transformam o local, há uma inversão de representação.

Essa conjuntura se relaciona como Materialismo Cultural, discutido por Cevalco (2003), que aborda como as práticas culturais, nesse caso o cinema, estão atreladas a construções ideológicas e contextos sociais, econômicos e políticos.

A transformação da Barbielândia e da casa da Barbie, são uma representação das estruturas de poder do Mundo Real, onde os homens historicamente ocupam posições de privilégio. Essa alteração no Mundo Barbie exhibe como as práticas culturais podem representar e até reproduzir condições sociais — como o patriarcado.

Além disso, o conceito de ideologia de Thompson (1995) que envolve a representação imaginária das relações dos sujeitos com suas realidades, permite compreender como essas representações são processos ativos e influenciam na interpretação e no olhar dos sujeitos e de suas realidades.

Em Barbie (2023), a transformação da Barbielândia em um lugar dominado por homens funciona como uma crítica ao sistema patriarcal. O momento que os kens usurpam o poder das mulheres, ilustra como as ideologias hegemônicas, como o patriarcado, podem ser naturalizadas, aceitas e incorporadas facilmente.

Aqui Gerwig coloca em evidência a ideologia de hegemonia masculina, questionando sua legitimidade e expondo as consequências de um mundo dominado por essas práticas e ideais, o que permite a ilustração de como as ideologias podem se materializar em práticas culturais e sociais, como expresso por Thompson (1995).

A dominação dos kens na Barbielândia esboça uma crítica social sobre os papéis de gênero e a construção da masculinidade. O fato do Ken precisar controlar e redefinir aquela sociedade, para se afirmar como pessoa-homem, é um reflexo de uma masculinidade ligada à insegurança e a necessidade de validação, que acompanha as normas machistas-patriarcais da atualidade.

Essa reviravolta no ambiente, onde o espaço feminino perde sua identidade, mesmo que caricata — atrelada a estereótipos do “ser mulher” — ressalta uma crítica à maneira como as normas de gênero são arbitrárias e impositivas.

No longa, isso se transforma em uma metáfora visual de como o “ser homem” tradicional, com suas ideias, expectativas e pressões, pode distorcer um espaço de direitos, liberdade e poder feminino.

Tal conjuntura não só altera o próprio conceito de identidade e pertencimento, mas enfatiza a tese de Beauvoir (1980) de que basta uma crise seja ela de qualquer tipo, política, social, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam refutados.

Barbie (2023) enfatiza como conquistas femininas apesar de socialmente se formarem a partir de movimentos de luta e resistência — desde a conquista ao direito de voto à luta pela legalização do aborto — continuam facilmente passíveis de reversão.

As mulheres necessitam estar sempre vigilantes para que seus méritos, direitos e conquistas não sejam retirados ou subvertidos, como é feito na Barbielândia assim que uma mulher vira as costas por pouco tempo.

### 3. 3 CONSTRUÇÃO DE GÊNERO NA BARBIELÂNDIA

No longa, Greta Gerwig dá vida a diferentes “barbies”, remetendo ao famoso slogan da boneca, criado pela Mattel, “Você pode ser o que quiser” (Barbie, 2023, tradução própria). A frase destaca a autonomia e a pluralidade de papéis que a Barbie pode exercer e, consequentemente, as mulheres também.

A reflexão remonta a uma multiplicidade de identidades e representações acerca do “ser mulher” ao apresentar diversas versões da boneca, como a barbie veterinária, princesa, médica, bailarina, cantora, astronauta, mãe, fada, juíza, super-heroína, entre tantas outras desenvolvidas no mercado.

Mas em Barbie (2023), Gerwig além de atribuir diferentes papéis e versões as barbies, também as insere em uma realidade — Barbielândia — em que suas funções correspondem aos cargos mais importantes da sociedade. No longa, a diretora tece um novo olhar, contrário ao tradicional, que apesar da pluralidade, encaixa a boneca e logo as mulheres, em estereótipos de beleza e perfeição.

Barbie (2023) retrata a diversidade das identidades que perpassam o “ser mulher” à medida que subverte a mensagem estereotipada e padronizada de perfeição que acompanha a personagem.

No filme, após a protagonista acordar em uma manhã perfeita na Barbielândia e sair de sua casa para iniciar o dia, ela passa de carro pela cidade cumprimentando as barbies que vivem no local. Nesse momento, são apresentadas algumas das diversas barbies que habitam aquela sociedade, cada uma com diferentes personalidades e funções.

Nessa realidade, as mulheres são as figuras centrais sendo representadas como autônomas, independentes e empoderadas. Cada uma tem uma profissão ou papel como a barbie advogada, médica, presidenta, juíza, entre outros cargos condizentes às funções mais tradicionalmente importantes da sociedade.

Não só isso, nessa realidade, além de cargos socialmente importantes, as barbies ocupam todos os papéis da sociedade. Aqui os kens realmente não possuem cargos ou ocupações, assim as barbies são desde desde fiscais de trânsito à mães, jornalistas e pilotas de avião, ocupando literalmente todas as funções sociais.

#### 4. 3.1 Barbies e a identidade feminina

A Barbie Estereotipada é a protagonista e o centro da história, mas para além dela, nessa análise vão receber enfoque a Barbie Presidente, a Barbie Estranha e a Midge Barbie. Porém, personagens como as versões paramédica, carteira, astronauta, sereia e muitas outras também são mostradas, apesar de não receberem tanto destaque na trama.

A Barbie Presidente, por exemplo, é um símbolo do empoderamento feminino e da capacidade das mulheres de ocupar cargos de liderança. Interpretada por Issa Rae, a presidente da Barbielândia é uma mulher negra, que tanto pela questão de gênero quanto racial, subverte estereótipos de preconceito e reforça a ideia de que mulheres podem e devem estar em cargos de poder.

Figura 1 - Barbie Presidente no filme Barbie (2023).



Fonte: Filme Barbie (2023)

Essa barbie é representada como uma mulher carismática, forte, competente e engajada em questões políticas-sociais. Ela se veste de forma elegante e sempre usa uma faixa escrito “presidente”, transmitindo uma imagem de autoridade e respeito.

Ao apresentar uma mulher negra como líder de uma sociedade, Gerwig desafia a ideia de que os cargos de poder são predominantemente reservados a homens brancos. Essa representação além de promover representatividade, destaca que mulheres, independentemente de raça ou origem, têm o direito e a capacidade de liderar.

Já a Midge Barbie, descrita como a amiga grávida da protagonista, Barbie Estereotipada, não tem uma construção de personagem no filme e aparece brevemente. No entanto, ela se destaca por ser a única barbie que não possui uma profissão e que ocupa o papel de mãe em tempo integral.

Figura 2 - Midge Barbie no filme Barbie (2023).



Fonte: Filme Barbie (2023)

Como a própria narradora afirma no filme “não vamos mostrar a Midge, a Mattel a tirou de linha, porque uma boneca grávida é algo estranho demais” (Barbie, 2023). Aqui entendemos porque ela não ganha espaço na história, o que não impede que sua pequena participação e essa fala permitam análises e desdobramentos acerca da sua representação.

Midge é apresentada como uma mulher grávida, ruiva e que usa um vestido roxo, florido e largo. Sua representação contrasta com o glamour e a perfeição das outras barbies, trazendo uma representação mais complexa do “ser mulher”, que vai além das aparências.

Porém, quando é dito que a Midge não será mostrada, porque uma boneca grávida é algo “estranho demais”, Gerwig fomenta uma crítica direta às expectativas e preconceitos sociais que cercam a maternidade. Ao afirmar que estar grávida é algo esquisito, a diretora questiona o estigma de que ser mãe, de alguma forma, diminui o valor feminino, como se sua identidade e suas contribuições fossem reduzidas ao papel de cuidadora.

Por fim, a Barbie Estranha, interpretada por Kate McKinnon, é caracterizada como um visual alternativo e fora do convencional, se comparado com as demais barbies da Barbielândia. Ela representa aquelas bonecas (e mulheres) que são excluídas e marginalizadas por não seguirem os padrões de beleza.

Figura 3 - Barbie Estranha no filme Barbie (2023).



Fonte: Filme Barbie (2023)

Ela usa um vestido rosa de mangas bufantes, com vários rabiscos coloridos, e nos pés botas verdes de couro, sem preocupação se suas roupas estão combinando. A Barbie Estranha tem um cabelo bagunçado e curto, e linhas rabiscadas de caneta no rosto, ao contrário das outras barbies que usam roupas combinando e tem a pele e o cabelo impecáveis.

No filme, sua função é aconselhar outras barbies quando elas estão “dando defeito” e é explicado que esse seu visual diferente, se deve ao fato de alguém ter brincado pesado demais com ela no Mundo Real.

Antes ela era “a barbie mais linda de todas” até que se tornou estranha, estando fadada agora a ajudar outras a permanecerem perfeitas, enquanto ela “só fica mais estranha”, como as barbies comentam entre si. Apesar de ser vista e descrita assim na Barbielândia, a Barbie Estranha é representada como uma mulher feliz e autêntica, que ao se libertar dos padrões rígidos de perfeição, pôde ser livre.

Nesse sentido, dentro da inversão e desconstrução das normas de gênero, que Gerwig desenvolve na Barbielândia, as personagens Barbie Presidente, Midge Barbie e Barbie Estranha representam, de forma simbólica, as múltiplas facetas que compõem o “ser mulher”.

A Barbie Presidente representa o empoderamento feminino. Ela ocupa a posição de maior autoridade em uma sociedade, ilustrando como mulheres se fazem presentes cada vez mais em cargos de liderança, ocupados majoritariamente por homens.

Essa representação pode ser analisada a partir de Woodward (2012), que sugere que a identidade não é algo fixo ou essencial, mas relacional. Isso significa que as identidades são formadas a partir do que elas não são, ou seja, uma identidade só adquire sentido a partir da diferença em relação ao outro.

Assim, a pensadora postula que socialmente a identidade feminina se constrói a partir da masculina. “Mulheres são os significantes de uma identidade masculina partilhada” (Woodward, 2012, p. 10).

Todavia, a representação da Barbie Presidente rompe com essa dinâmica, criando uma nova narrativa para as mulheres. Nesse contexto, o feminino não é mais uma figura que existe por consequência do masculino ou subordinada a ele, mas uma representação de poder e autonomia, que não se define pela presença ou ausência de homens.

Aqui, além do gênero, se destaca a questão racial, ligada à Hall (2003) que postula sobre as representações da identidade negra na cultura popular, o que se aplica à personagem Barbie Presidente, uma mulher negra em um cargo de grande poder dentro de uma representação cultural, no caso o longa Barbie (2023).

Para o autor, a construção da identidade racial não é unicamente sobre como o negro é representado, mas como essas representações interagem com questões de poder. Logo, a Barbie

Presidente, sendo uma mulher negra em um cargo de grande autoridade, questiona as normas de liderança tradicionalmente associadas a figuras brancas e masculinas.

Essa representação feita por Gerwig, analisada a partir da visão de Hall (2003), destaca que personagens como a Barbie Presidente não são só uma representação de sucesso individual, mas uma forma de resistência e reconfiguração das dinâmicas de poder no imaginário social, nesse caso racial e de gênero.

Já a Midge, representa como muitas vezes as mulheres que escolhem a maternidade como principal ocupação são vistas como “menos importantes” pela sociedade. Uma crítica a forma como mulheres que decidem ser mães em tempo integral são repudiadas por suas decisões, já que a sociedade acaba por desconsiderar as diversas formas de realização pessoal e profissional femininas.

A Midge Barbie, além disso, representa um dos pontos centrais discutidos por Beauvoir (1980), onde ela discorre que, historicamente, a mulher é definida em relação ao homem, sendo sua identidade e valor reduzidos a aspectos biológicos e reprodutivos.

E na contemporaneidade, em que a identidade de um sujeito é muitas vezes medida pela sua capacidade de produzir e gerar lucro, sob uma dinâmica capitalista, a maternidade é frequentemente desvalorizada.

A retirada de Midge do mercado, ao ser considerada "estranha demais", é uma crítica à maneira que a maternidade, ao invés de ser reconhecida como uma escolha válida, é muitas vezes desvalorizada e vista como algo que diminui o potencial de uma mulher.

Finalmente, a Barbie Estranha, personagem que representa uma versão do “ser mulher” que desafia os padrões de beleza convencionais. Com seu visual alternativo e peculiar, ela simboliza a mulher que não se encaixa nos estereótipos tradicionais e que, ao ser vista como “estranha” pela sociedade, se desprende das amarras e encontra liberdade.

Sua figura remete à ideia de Butler (2020) sobre a Performatividade de Gênero, que liga a identidade a uma prática contínua, que pode ser transformada ao se afastar das expectativas normativas.

A autora introduz a ideia de que o gênero não é uma essência ou uma identidade fixa, mas algo que é "feito" ou "performado" por meio de repetição de comportamentos e práticas sociais.

Assim, certos atos de gênero, como se vestir de determinado jeito ou agir de acordo com padrões sociais específicos, contribuem para a construção daquilo que é entendido como

"gênero". Em vez de algo que já está presente de forma pré-determinada ou biológica, o gênero é formado por ações e normas seguidas e reproduzidas.

Ao representar uma barbie fora do convencional, a Barbie Estranha traz a possibilidade de que a mulher possa ser quem realmente é, mesmo que isso desafie a ordem social estabelecida.

A personagem ilustra o que Beauvoir (1980) descreve quando fala sobre a mulher que, ao se libertar das limitações impostas pela sociedade, se torna uma criadora de sua própria identidade e da sociedade que habita.

Logo, a diversidade de barbies que vivem na Barbielândia traz à tona a ideia de que “ser mulher” não significa se submeter a uma única forma, mas a liberdade de explorar múltiplas facetas da própria identidade.

Gerwig questiona o impacto dessas várias versões do “ser mulher” na construção da identidade feminina, e essa representatividade serve como um convite para que mulheres se reconheçam nas personagens e percebam sua unicidade e seu direito de serem o que quiserem, como no slogan “Você pode ser o que quiser” (Barbie, 2023, tradução própria).

### 3. 4 BARBIE ESTEREOTIPADA: IDENTIDADE E FEMINILIDADE

Barbie (2023) é focado na protagonista “Barbie Estereotipada”, que é um símbolo de beleza e perfeição até mesmo na utópica Barbielândia. Além da casa impecável, ela também tem a aparência perfeita, sendo a materialização de uma mulher idealizada pela sociedade. Ela é literalmente o estereótipo de uma barbie, possui cabelos loiros e longos, é branca, alta, magra e tem olhos azuis e uma pele sem imperfeições.

Figura 4 - Barbie Estereotipada no filme Barbie (2023).



Fonte: Filme Barbie (2023)

Ela acorda sempre bela e em sua vida não existem coisas comuns como olheiras, frizz, mau hálito ou até problemas maiores, como tristeza e brigas. Essa personagem é desenvolvida exatamente como o padrão social de perfeição feminina, tanto fisicamente quanto emocionalmente.

Para a Barbie Estereotipada a vida vai bem na Barbielândia, até que se sente estranha, durante uma grande festa, em que passa a ter pensamentos relacionados à morte. No outro dia, ela já acorda “menos perfeita” que de costume, se levanta assustada, com remelas nos olhos,

hálito ruim e questões em casa como problemas com o chuveiro, comida queimada e leite vencido.

Esses primeiros sinais de imperfeições na vida da Barbie Estereotipada mostram que algo na dinâmica daquela sociedade, até então sem falhas, está anormal. Até que vem a comprovação de que algo está errado, quando a Barbie que até então, como todas as outras andava na ponta dos dedos, encosta os pés no chão.

Em uma cena na praia, a Barbie Estereotipada não consegue mais ficar com os calcanhares sem tocar o solo e coloca os pés por completo no chão, o que na trama é chamado de “pés chatos”. Seus pés, que sempre foram curvados e perfeitos, agora estão planos. Na Barbielândia, onde tudo é impecável, essa mudança é um sinal claro de que a protagonista está com defeito.

A partir dessa série de problemas e falhas que acontecem, ela é instruída a visitar a Barbie Estranha, que aconselha as demais quando coisas assim acontecem. Como a personagem em questão é a Barbie Estereotipada esses “defeitos” que indicam falta de perfeição se torna uma questão mais profunda, pois ela, que sempre teve a certeza de sua beleza e seu lugar no mundo, agora se vê em um momento que suas falhas não podem ser ignoradas.

A solução encontrada, em um diálogo com a Barbie Estranha, é que a Barbie Estereotipada deve ir até o Mundo Real, que no filme é retratado como o estado da Califórnia, nos Estados Unidos, para encontrar respostas sobre seus “defeitos” e solucionar sua crise existencial.

Esse panorama pode ser analisado à luz de Beauvoir (1980), quando a autora postula que social e historicamente a mulher é vista como “o outro” em relação ao homem, que é considerado o sujeito universal. Assim, o papel feminino e o “ser mulher” passam a ser construídos a partir de normas e expectativas específicas de que mulheres devem constantemente se ajustar a um padrão de perfeição físico e emocional.

No caso da Barbie Estereotipada, a personagem é uma representação desse modelo de “perfeição” imposto, sendo a personificação do comportamento e do visual feminino ideal. Sua aparência perfeita, acompanhada da ausência de problemas e emoções “negativas”, é um retrato de uma construção social que subordina a mulher a padrões irreais, que não deixam espaço para imperfeições ou desenvolvimento individual.

Quando a Barbie começa a apresentar falhas, como “pés chatos”, pensamentos pessimistas e problemas cotidianos, ela passa a questionar sua identidade e seu propósito. Esse

momento do filme aborda a construção social dos ideais de perfeição e idealização feminina, que remete aos conceitos de Beauvoir (1980).

A autora argumenta como as mulheres são socialmente pressionadas a se conformar a padrões inatingíveis de perfeição. De acordo com Beauvoir (1980) as mulheres são constantemente educadas a se verem como "o outro", subordinadas a um ideal externo que as coloca como objetos de desejo e estereótipos de beleza.

No longa, a percepção da Barbie Estereotipada a respeito de suas falhas – algo que a torna humana – simboliza o impacto dessa naturalização da perfeição feminina. Ela vive em um mundo onde não há imperfeição, portanto quando essas falhas começam a surgir, a protagonista se vê em conflito com seu papel social, incapaz de compreender quem realmente é fora do que foi construído para ela se encaixar.

Esse conflito representa a maneira como a sociedade, machista e patriarcal, exige que mulheres se ajustem a normas rígidas de perfeição, beleza e comportamento. A naturalização da perfeição feminina, como ilustrado pela diretora Greta Gerwig, é algo tão enraizado, ao ponto das próprias mulheres percorrerem esses ideais.

Aqui Gerwig levanta uma questão importante a respeito da origem da naturalização dessa perfeição, porque ao mesmo tempo que ela é exigida e imposta a mulheres — por ser uma norma social profundamente enraizada — ela também é algo procurado por elas.

Como a Barbie Estereotipada que abandona sua vida na Barbielândia para percorrer esse ideal de perfeição feminina imposto. O que remete à crítica de Beauvoir (1980) a respeito da opressão da mulher, na qual é exigido um nível de perfeição, que repudia falhas femininas ao ponto da mulher questionar sua identidade quando não é capaz de atingir os padrões sociais de gênero.

Normas essas, que segundo Butler (2020) além de serem postas pela sociedade, se mantêm reforçadas por meio de ações cotidianas que alimentam as expectativas desse sistema. Quando a Barbie Estereotipada sofre essas transformações vistas como “coisas que a deixam menos perfeita” é também uma metáfora para a desconstrução do gênero e da identidade idealizada a respeito do “ser mulher”.

Ao “colocar os pés no chão”, outra representação com viés metafórico, a protagonista passa a questionar sua identidade, que até então era pautada nos ideais de perfeição feminina. Esse momento, em que ela questiona sua identidade, pode ser analisado como o que Butler (2020) conceitua como a “Desestabilização da Performance de Gênero”, quando um sujeito

para de seguir as normas rígidas da sociedade, rompendo com os comportamentos e as expectativas estabelecidas para seu gênero — nesse caso a perfeição em torno do “ser mulher”.

Assim, a Barbie Estereotipada parte em uma jornada ao Mundo Real já iniciando um processo de desnaturalização da verdade até então absoluta de que sua identidade era “ser perfeita”, pois ela está com falhas e não deixa de ser quem é — ou a mulher que é.

Além disso, Hall (2006) em seus estudos argumenta a respeito das identidades serem influenciadas por representações culturais, sociais e midiáticas, que reforçam os valores hegemônicos de um sistema. No caso da Barbie, ela é a representação de uma identidade feminina construída pela mídia e pelas expectativas sociais de um sistema capitalista e patriarcal, centrado no lucro e na figura masculina.

Ao ser construída a partir dessas ideias que atrelam a mulher a altos padrões de aparência e comportamento, quando a Barbie Estereotipada começa a não se encaixar mais nesta normativa, ela entra em crise em relação a sua identidade e o significado de “ser mulher”.

A sua jornada para o Mundo Real, em busca de respostas, pode ser vista como um rompimento com os padrões sociais de perfeição feminina e o entendimento de que a identidade da mulher é uma construção fluida, que pode ser reformulada e apresentar diferentes caminhos.

Os pés da Barbie Estereotipada tocarem o chão ser chocante e incômodo à protagonista e as outras barbies, também é um retrato social de que cada passo de uma mulher é um lembrete de sua “imperfeição”. Cada atitude feminina carrega o peso de não atender às expectativas sociais de perfeição impostas, o que ilustra a opressão de uma sociedade que não permite falhas ou desvios dos seus padrões idealizados.

A história da Barbie Estereotipada nesse etapa do filme, não é apenas sobre uma falha física, mas uma crise existencial em relação à sua identidade, que evidencia como a sociedade molda e limita as mulheres por meio de normas. Ao enfrentar sua desconstrução, a protagonista começa a questionar os próprios fundamentos de sua existência, indo além da imagem perfeita para se deparar com as complexidades do “ser mulher”.

#### **1. 4.1 Barbie, mulher, pressão e perfeição**

Após suas vivências no Mundo Real, a Barbie Estereotipada retorna à Barbielândia, com talvez mais dúvidas do que respostas, e encontra um ambiente dominado pelos kens, o que reforça o patriarcado e os padrões de gênero que ela viu materializados.

Porém, ela não volta sozinha, mas apoiada por duas mulheres reais, uma mãe chamada Gloria e sua filha adolescente Sasha, interpretadas respectivamente por America Ferrera e Ariana Greenblatt. Unidas, elas vão até a Barbielândia para apoiar a Barbie na sua jornada de autodescoberta e em busca de sentido para sua existência e criação.

Em um momento de vulnerabilidade, na casa da Barbie Estranha, após ter presenciado a dominação dos kens no Mundo Barbie e a subversão dos ideais que eles realizaram, a Barbie Estereotipada tem uma crise emocional, se sentindo insuficiente e exausta. Ela começa a chorar porque se sente feia e incapaz de suprir os padrões de perfeição que sempre lhe foram atribuídos.

Enquanto desabafa, a protagonista é acolhida e consolada por Gloria — uma mulher, mãe e funcionária da Mattel no Mundo Real — que ela conhece em sua jornada e leva à Barbielândia para ajudar a reequilibrar os dois mundos.

Gloria, com uma representação real do “ser mulher” da atualidade, consola Barbie com seu discurso sobre as expectativas esmagadoras impostas às mulheres. “É literalmente impossível ser mulher. Você é tão bonita e tão inteligente, e me mata que você não pense que é boa o suficiente. Tipo, temos que ser sempre extraordinárias, mas de alguma forma estamos sempre fazendo errado” (Barbie, 2023).

Aqui a personagem fala sobre como as mulheres são socialmente cobradas de serem extraordinárias e que é impossível atender a todas as expectativas da sociedade em torno do “ser mulher”, até porque elas se contradizem.

Você nunca deve envelhecer, nunca ser rude, nunca se exhibir, nunca ser egoísta, nunca cair, nunca falhar, nunca mostrar medo, nunca sair da linha. É muito difícil! É muito contraditório e ninguém lhe dá uma medalha ou diz obrigado! E acontece que, na verdade, você não está apenas fazendo tudo errado, mas também tudo é culpa sua. Estou tão cansada de assistir a mim mesma e a todas as outras mulheres fazendo de tudo para que as pessoas gostem de nós. E se tudo isso também é verdade para uma boneca, que apenas representa mulheres, então eu nem sei (Barbie, 2023).

Esse monólogo é fundamental para entender o sofrimento da protagonista, pois revela as contradições e pressões que as mulheres, e nesse caso até uma boneca que é a representação de uma “mulher perfeita”, enfrentam cotidianamente.

A conjuntura dessa cena pode ser analisada a partir de Mitchell (2006), que argumenta como uma mudança nas relações de gênero são transformações difíceis de serem alcançadas,

por terem raízes estruturais e serem perpetuadas por instituições, como família, sociedade e o próprio sistema capitalista.

A partir dessa perspectiva, o retorno da Barbie Estereotipada à Barbielândia dominada por kens, reforça nela o sentimento de inadequação e insuficiência, que refletem as ideias de Mitchell (2006) sobre como as mulheres são frequentemente condicionadas a aceitar normas reforçadas socialmente, que nesse caso até uma boneca — que é a representação de uma mulher — sofre, de tão impositivas e arbitrárias que são.

A pensadora argumenta que para que mudanças ocorram nessas normas é necessária uma real transformação nas relações de gênero. Isso não acontece só por meio de alterações políticas ou sociais, mas envolve principalmente uma reestruturação de como as mulheres se veem e são vistas pelos demais.

A crise da Barbie Estereotipada, quando ela se sente "insuficiente" e "feia", é a ilustração de uma sociedade que ainda limita a identidade do “ser mulher” a estereótipos de perfeição intangíveis. Assim, a intenção de Gerwig ao introduzir o monólogo de Gloria, uma mulher do Mundo Real, é confrontar essas construções tradicionais e expor a opressão que essas expectativas geram na vida das mulheres.

Gloria explica como as mulheres estão sobrecarregadas de caminhar com essas pressões contraditórias impostas pela sociedade. O que ecoa a crítica de Mitchell (2006) acerca do aprisionamento feminino em determinados ideais e a imposição social de um modelo de feminilidade que é difícil, senão impossível de ser alcançado.

Além disso, Butler (2020), apresenta a ideia de que o gênero é uma construção social performativa. Sendo um conjunto de performances constantemente reforçadas por normas sociais, não algo imutável ou da essência do sujeito, mas uma repetição de condutas, que logo podem ser desafiadas.

A crise emocional da Barbie Estereotipada, pode ser analisada por meio da Teoria da Performatividade de Gênero de Butler (2020). A princípio a personagem representa a “mulher perfeita”, uma performance constante de feminilidade idealizada, porém ao se confrontar com suas imperfeições e a subversão da sua casa e do Mundo Barbie, ela começa a questionar a validade dessa performance, momento que há uma desconstrução da sua identidade de perfeição, o que revela a fragilidade das construções e normas de gênero.

O monólogo de Gloria acerca das expectativas esmagadoras impostas às mulheres, remonta a crítica de Butler (2020). A personagem fala sobre como mulheres têm que se encaixar a uma série de comportamentos contraditórios para serem aceitas socialmente.

Essas expectativas divergentes representam a performatividade do gênero, as mulheres são constantemente pressionadas a performarem — "atuar" — dentro de um padrão de feminilidade social, que é impossível de ser mantido.

Nessa cena, a diretora Greta Gerwig não só destaca a dor e a frustração da Barbie Estereotipada com sua própria imagem e a situação atual da Barbielândia, mas expõe como a sociedade exige que as mulheres se moldem a padrões inconcebíveis de cumprir, sem sacrificar partes de sua individualidade e bem-estar, e, ao mesmo tempo, as culpabiliza por falharem quando não suprem essas expectativas.

#### 4. 5 A CRÍTICA SOCIAL - O OLHAR DE GERWIG

Quando a Barbie Estereotipada e o Ken chegam ao Mundo Real, uma das primeiras reações da Barbie é se chocar em como a sociedade ao seu redor não é semelhante a Barbielândia, onde as mulheres ocupam posições de poder.

Nessa realidade, ela observa que os homens dominam os grandes cargos e parecem comandar a sociedade, o que vai gerando desconforto nela à medida que tem interações sociais e percebe a dimensão das desigualdades de gêneros no local.

Por outro lado, Ken se vê fascinado com esse mundo, onde os homens são poderosos, estão nas posições mais importantes e ditam as normas. Ele se impressiona com a maneira como as figuras masculinas são respeitadas, admiradas e bem-sucedidas.

Durante suas interações no Mundo Real, Ken começa a aprender mais sobre os conceitos de patriarcado e o poder que os homens exercem sobre as mulheres. Posteriormente, ele leva todos esses “aprendizados” para serem empregados na Barbielândia.

Já Barbie, fica chocada e assustada com várias situações. Como quando ela vai até uma obra de construção, que em sua mente seria um lugar seguro e com mulheres trabalhando - como é na Barbielândia - mas se depara com um ambiente totalmente masculino, no qual recebe comentários grosseiros e é assediada verbalmente.

Diante dessa interação, das olhadas e comentários, Barbie Estereotipada vai cada vez mais percebendo que está em uma sociedade onde mulheres não só não são as protagonistas, mas dificilmente são respeitadas.

Apesar de abalada, ela segue sua jornada até que é levada ao prédio da empresa Mattel - fundadora da boneca “Barbie” - em busca de ajuda e respostas. Ao chegar no local, há outro momento emblemático, em que a Barbie Estereotipada se vê em uma sala de reuniões da empresa, cercada apenas por executivos homens, para discutir sobre ela e seu futuro.

Eles discutem sobre a vida da Barbie, enquanto a protagonista percebe que todos os cargos da empresa que comanda a Barbie - símbolo e representação feminina - são ocupados por homens, desde o presidente-geral aos chefes do financeiro, operações e divisão de barbies.

A reunião avança e é evidente que aqueles executivos não se importam com as queixas da Barbie Estereotipada ou com o que ela tem a dizer. Os homens permanecem apenas insistindo para que a Barbie siga as determinações deles e se vitimizam quando ela indaga sobre a ausência de mulheres no comando.

Aqui Gerwig cria um momento simbólico e representativo, em que vários homens estão reunidos para discutir e deliberar sobre a vida de uma mulher. Um cenário crítico a respeito de como as decisões sobre os direitos femininos são muitas vezes tomadas por “homens poderosos”.

"A representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior" (Hall, 2006, p. 8). A representação do que a Barbie Estereotipada — uma personagem — passa no Mundo Real, quanto a assédio e silenciamento, são um retrato da realidade de muitas mulheres na contemporaneidade.

Para Hall (2006), as identidades não são fixas nem naturais, elas são construídas socialmente por meio das representações culturais. Isso significa que as formas como os grupos sociais são retratados na mídia, na linguagem e na cultura moldam tanto a forma como são percebidos pelos outros quanto como se percebem a si mesmos. Assim, a representação e a identidade estão em um processo contínuo de construção mútua.

Em Barbie (2023), essa ideia se expressa no contraste entre a Barbielândia - um espaço fictício onde as mulheres estão no poder - e o Mundo Real, onde estruturas patriarcais predominam. Quando a Barbie Estereotipada entra nesse novo contexto, ela se depara com representações do que é “ser mulher” que confrontam sua identidade.

Esse choque revela como diferentes representações culturais produzem identidades distintas, e como essas identidades são influenciadas diretamente pelas dinâmicas de poder e gênero presentes em cada contexto social.

Além disso, Cevasco (2003) também discute como essas mesmas representações, midiáticas e culturais, impactam nas identidades e relações sociais. O fato da Barbie Estereotipada ser silenciada durante a reunião com os executivos da Mattel é um retrato das dinâmicas de poder na sociedade, que favorecem e apoiam o gênero masculino.

A imagem da protagonista na Barbielândia é voltada para ideias de empoderamento feminino, mas no Mundo Real, ela é um produto comandado por homens de uma grande empresa, sem controle sobre sua própria representação.

Aqui a diretora do longa esboça uma crítica de como além das identidades femininas serem regidas por uma sociedade machista — já que como posto por Beauvoir (1980) a mulher historicamente é vista como o outro em relação ao homem — as mulheres tem sua representação cultural também controlada pelo olhar masculino.

Esse processo de discussão e decisão a respeito da vida da Barbie evidencia a ideia de Cevasco (2003), mostrando como as figuras femininas, como a Barbie, mesmo sendo representações culturais poderosas, são absorvidas por um sistema patriarcal e machista. A ausência de voz da protagonista na reunião é uma metáfora para a exclusão das mulheres nas deliberações que envolvem e impactam suas vidas.

Em *Barbie* (2023), Gerwig ilustra como decisões sobre o corpo, a imagem e o “ser mulher” são majoritariamente tomadas por homens, sem que as mulheres plenamente participem dessas conversas. A Mattel, empresa que produziu a boneca Barbie, é trazida no filme como uma representação do sistema e da indústria do entretenimento, que historicamente tem sido dominado por figuras masculinas.

Fora da Barbielândia, as mulheres se veem nesses espaços diariamente, onde as definições e sentenças sobre suas vidas são feitas sem sua real participação ou consentimento. Essa cena da Barbie Estereotipada em reunião com os executivos é uma representação de como as mulheres, no Mundo Real, apesar de suas lutas e conquistas, ainda são marginalizadas quando se trata do controle sobre suas próprias narrativas.

Em *Barbie* (2023) a diretora expressa a diferença do “ser mulher” em identidade e representação, por meio do Mundo Real e da Barbielândia. Esse paralelo evidencia de forma clara a disparidade de gêneros quando Ken e Barbie seguem em uma jornada ao Mundo Real. No decorrer da longa viagem, realizada em diferentes meios de transporte, a Barbie está no comando, assumindo o protagonismo e guiando o percurso. No entanto, à medida que se aproximam da realidade, Ken gradualmente vai ocupando o lugar dela, revelando uma mudança na dinâmica entre eles e, conseqüentemente, nas relações de gêneros.

O Ken é quem chega primeiro no Mundo Real, mesmo que saindo da Barbielândia a Barbie estivesse na frente. Gerwig com essa sutileza já marca as diferenças entre os papéis de gênero e dinâmicas de poder no Mundo Barbie e na contemporaneidade.

A diretora, ao mostrar a Barbie Estereotipada — simultaneamente um produto e um símbolo feminino — em um ambiente onde ela não tem protagonismo ou controle sobre seu próprio destino, ressaltava o machismo e o patriarcado da sociedade. Diante de lutas e conquistas femininas da atualidade, essas estruturas podem parecer pequenas ou invisíveis em alguns momentos, mas estão sempre presentes, desde pequenos atos, símbolos e microagressões até grandes preconceitos e violências contra mulheres.

## 1. 5.1 A retomada do poder feminino

Após Ken implementar o patriarcado na Barbielândia, influenciado pelas estruturas do Mundo Real, o universo idealizado e utópico se transforma completamente. A harmonia é substituída por um ambiente onde os kens assumem o controle, tomam decisões e colocam as barbies em papéis secundários e submissos, como ocorre com as mulheres na realidade.

A utopia feminina do lugar se desmorona e dá espaço a uma caricatura do patriarcado-machismo institucionalizado, cercado de símbolos masculinos estereotipados. Diante desse cenário, as barbies que antes ocupavam cargos de liderança, autonomia e empoderamento, são alienadas, perdendo suas vozes e consciências críticas sobre a necessidade de ocupar espaços e lutar por seus direitos.

Com a chegada da Barbie Estereotipada, após seu choque inicial com a subversão da Barbielândia, as barbies, juntamente com duas mulheres do Mundo Real (Gloria e Sasha) se unem em um movimento para reverter a situação. Elas começam a "desprogramar" as outras barbies, uma a uma, despertando nelas a consciência de quem são e da importância de recuperarem seus espaços, conquistas e direitos.

É como se uma chave fosse virada dentro delas, e um processo de conscientização tivesse início. Gloria, com sua experiência de vida no Mundo Real, e Sasha, com seu olhar mais jovem e irreverente, são fundamentais nesse processo. Elas conversam com as Barbies, levando-as a encarar suas identidades de forma crítica e a questionar os significados do “ser mulher”.

O processo é gradual e funciona como uma liberação da hipnose cultural “machista” em que estavam sendo mantidas. Isso só é possível pois elas primeiro afastam as barbies dos kens, usando truques como se fingir de burra ou indefesa, para que Gloria pudesse conversar com cada uma para “desprogramá-las”.

As barbies, agora conscientes de suas identidades, começam a assumir o controle da própria narrativa. Após esse despertar, unidas, elas passam para a segunda etapa do plano, evitar que os kens aprovem uma nova constituição na Barbielândia com os ideais patriarcais deles.

Elas sabem que a transformação não pode ser feita sozinha, e que a união das mulheres — sejam elas barbies ou não — é fundamental para a retomada dos seus lugares de direito. Por isso, para subverter os papéis de gênero e derrubar o patriarcado na Barbielândia, elas começam

a desestabilizar os kens, ferindo seus egos, a partir de ações de desinteresse e fomento à rivalidade masculina.

Em uma cena na praia, cada barbie está sentada com um ken, enquanto eles tocam violão e cantam para elas. Nesse momento, em que eles acreditam que conseguiram tudo o que queriam - comandar a sociedade e ter a atenção feminina - as barbies passam a ignorá-los e começam a trocar de lugar, dando atenção para outros kens ao em vez de seus parceiros.

Aqui é gerado ciúmes e intriga entre os personagens masculinos, que se indignam uns com os outros e partem para uma briga física. Os kens proclamam uma guerra entre seus iguais e perdem o momento de votação da constituição na Barbielândia, por estarem ocupados nessa disputa entre homens.

Assim, o plano das barbies de recuperar seu lugar de direito se conclui com êxito. Enquanto os kens estão em guerra, elas estão em uma espécie de tribunal votando a favor da retomada e reconstituição da Barbielândia - uma sociedade comandada por mulheres.

Essa sequência evidencia que a sororidade é uma força coletiva feminina pautada no apoio mútuo, que supera a lógica de dominação e competição masculina, implantada pelos kens. As barbies retomam o poder de sua sociedade por meio da cooperação e reconstrução conjunta de suas identidades e direitos.

Esse contexto se relaciona com o pensamento de Hall (2006) ao mostrar como as identidades das Barbies, inicialmente empoderadas, são fragilizadas pelas novas representações impostas e como elas só conseguem reconstruir sua identidade por meio de uma rearticulação simbólica da própria narrativa.

Essa cena é uma crítica social poderosa à estrutura de poder patriarcal existente na sociedade contemporânea. A protagonista, ao perceber o domínio masculino em diversas esferas, sente o choque de muitas mulheres que se deparam com as limitações impostas pela sociedade patriarcal, onde a igualdade de gênero é uma luta constante.

Em *Barbie* (2023), Gerwig subverte a ideia de que o patriarcado é algo natural ou desejável, utilizando o olhar do Ken - representação do “ser homem” - para evidenciar a alienação em relação ao verdadeiro significado desse sistema de dominação. Inicialmente, o personagem acredita que o patriarcado é algo positivo, capaz de lhe trazer poder, pertencimento e reconhecimento, mas ao tentar replicá-lo na Barbielândia, se depara com embates.

Nesse retrato, a diretora mostra como o patriarcado não apenas oprime as mulheres, mas prejudica os homens, por meio de imposições, disputas de poder e rivalidades. Assim, Gerwig

questiona criticamente a ideia tradicional de poder masculino, revelando os danos que esse sistema causa a todos.

Em um segundo plano, Beauvoir (1980) discute como os direitos e conquistas femininas são frágeis e podem ser facilmente revertidos. Para ela, a opressão das mulheres não é uma condição natural, mas uma construção social e histórica que pode ser modificada ou reforçada pelas circunstâncias sócio-culturais.

A autora explica que as vitórias das mulheres são frágeis e podem ser subvertidas, principalmente quando as normas e os sistemas patriarcais que sustentam a sociedade são reforçados. Mudanças sociais e políticas e logo conquistas como a Barbielândia, são por vezes superficiais, mas o patriarcado, como uma estrutura profundamente enraizada, pode facilmente alterar o progresso alcançado pelas lutas femininas.

Isso se liga à ideia de que os direitos das mulheres dependem das condições sociais e políticas do momento. Quando essas condições mudam — como em períodos de crise política ou econômica, onde as estruturas tradicionais de poder são reforçadas — os direitos das mulheres podem ser minimizados ou anulados.

A vulnerabilidade dessas conquistas é um dos pontos centrais postos por Beauvoir (1980). Ela alerta para a necessidade de uma transformação profunda da sociedade, onde os direitos não sejam só "concedidos" às mulheres, mas ocorra uma mudança fundamental na forma como a mulher é vista e tratada — como as barbies realizam na retomada da Barbielândia.

Além disso, a parte final do filme, quando as barbies — no processo de retomada da Barbielândia — fornecem tudo que os kens sempre sonharam e depois os ignoram e os menosprezam, se liga às ideias de Atwood (1982). A pensadora, que analisa como mulheres são retratadas na ficção e no imaginário cultural, traz uma reflexão simbólica:

“Por que os homens se sentem ameaçados pelas mulheres?”, perguntei a um amigo meu. Esse amigo, que de fato existe e convenientemente respondeu: “Quero dizer, os homens são maiores, na maioria das vezes, correm mais rápido, têm mais força física e, em média, muito mais dinheiro e poder. Eles têm medo de que as mulheres riam deles”, disse. “De que elas destruam sua visão de mundo.” Depois, perguntei a algumas alunas em um curso rápido de poesia que eu estava dando: Por que as mulheres se sentem ameaçadas pelos homens? - “Porque têm medo de serem mortas”, elas responderam. (Atwood, 1982, p. 413, tradução própria).

A autora, ao constatar que socialmente o receio masculino em relação às mulheres está ligado ao medo de serem ridicularizados, enquanto o temor feminino diz respeito à violência e à própria morte, evidencia uma profunda assimetria nas relações de gênero e poder.

Esse desequilíbrio é representado de forma crítica na parte final do filme, quando os Kens, após experimentarem uma breve sensação de poder e centralidade, passam a ser ignorados e rejeitados pelas barbies — o que desperta neles frustração, insegurança e ressentimento.

Essa dinâmica ecoa a reflexão de Atwood, revelando que mesmo em um contexto fictício e invertido, o medo masculino permanece centrado na perda de relevância e no enfraquecimento simbólico diante da autonomia feminina.

Por outro lado, o medo das barbies, embora não esteja diretamente relacionado ao risco físico, como na realidade de muitas mulheres, remete à perda de direitos, de voz e de identidade — o que, simbolicamente, também pode ser entendido como uma forma de morte.

Em *Barbie* (2023), Gerwig mobiliza essas camadas para retratar criticamente o impacto do patriarcado, destacando como as questões de gênero afetam de maneira desigual homens e mulheres, mesmo em um universo utópico como a Barbielândia.

## 5. 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação de gênero no cinema é um instrumento de grande influência na construção da identidade feminina, principalmente quando mediada pelo olhar de uma diretora mulher. Ao propor uma releitura crítica de um símbolo marcante como a boneca Barbie, o filme *Barbie* (2023), dirigido por Greta Gerwig, evidencia como o audiovisual pode ser um espaço de ressignificação e reconstrução do “ser mulher” na contemporaneidade.

Considerando que a identidade feminina é construída, e constantemente problematizada, por discursos culturais e normas sociais, a obra de Gerwig (2023) se destaca ao subverter esses conceitos e oferecer novas possibilidades de representação. Mas de que forma a representação de gênero no cinema, realizada por uma diretora mulher, se relaciona com a construção identitária do “ser mulher” na sociedade?

No primeiro capítulo de análise, centrado na Barbielândia como um espaço utópico de perfeição e harmonia entre os gêneros, foi possível compreender como o filme *Barbie* (2023) se articula com os Estudos Culturais na representação do “ser mulher”. Essa sociedade fictícia, onde barbies e kens convivem em pleno equilíbrio, expõe uma construção estereotipada e superficial da identidade feminina, revelando os limites e as contradições de um imaginário social pautado em padrões idealizados de gênero.

A estética e o funcionamento dessa sociedade idealizada, apesar de possuir um empoderamento feminino, reproduz, de forma velada, os valores de um sistema patriarcal e capitalista a respeito de um ideal inatingível de perfeição e beleza feminina. A análise desse cenário com base nos estudos de Cevalco (2003) e Hall (2006) possibilitou identificar como o cinema funciona como um dispositivo de representação cultural que produz sentidos, negocia significados e naturaliza ou critica padrões sociais.

Assim, a Barbielândia não só projeta uma imagem idealizada da feminilidade, como silencia questões importantes sobre desigualdade e poder nas relações de gênero. Ao fazer isso, a diretora Greta Gerwig, com seu olhar feminino, propõe uma crítica à maneira como tais representações atuam na construção da identidade do “ser mulher”.

A partir da utópica Barbielândia, é possível perceber como as representações cinematográficas, ao retratar a realidade, sustentam ideologias e reforçam ou criticam padrões sociais.

Ao expor a artificialidade dessa perfeição estética e simbólica, Gerwig (2023) estimula uma análise e reflexão crítica a respeito dos padrões normativos de feminilidade, tradicionalmente restritivos. Além de chamar atenção para as múltiplas identidades que compõem e atravessam o “ser mulher” que são ignoradas ou excluídas dessas representações idealizadas.

No segundo capítulo, ao explorar a construção de gênero na Barbielândia, a análise das personagens Barbie Presidente, Midge Barbie e Barbie Estranha permitiu aprofundar nas múltiplas representações do “ser mulher” e como elas dialogam com os processos de construção identitária na sociedade.

Essas personagens, além de retratarem diferentes trajetórias femininas, questionam normas e padrões que historicamente definiram o “ser mulher”, mostrando como um olhar feminino, nesse caso da diretora Greta Gerwig, é capaz de subverter e reconstruir essas narrativas.

A Barbie Presidente representando a mulher como figura central de poder; a Midge Barbie evidenciando como a maternidade ainda é tratada como um papel social menor; e a Barbie Estranha questionando os padrões normativos femininos, Gerwig (2023) utiliza o cinema como ferramenta de elaboração identitária.

Isso mostra como a direção feminina no cinema permite uma abordagem mais complexa e sensível acerca da identidade da mulher, valorizando experiências geralmente excluídas ou ignoradas. Essa abordagem feminina da direção evidencia como o olhar de uma mulher pode tensionar estruturas que naturalizam certos papéis, permitindo novas formas de construção identitária.

Assim, suas escolhas estéticas e narrativas mostram que, quando conduzida por uma mulher, a representação de gênero pode escapar de estereótipos e oferecer mais pluralidade e profundidade. Barbie (2023) evidencia como a direção feminina no cinema contribui significativamente para a construção da identidade feminina na sociedade, ao promover discursos que dialogam com a complexidade do “ser mulher” na contemporaneidade.

Já no terceiro capítulo, a Barbie Estereotipada e sua jornada ganham centralidade, com o retrato dos conflitos internos gerados pela pressão do padrão idealizado de feminilidade. A crise identitária da personagem ao perceber que já não se encaixa mais no modelo social de perfeição feminina, aponta para uma reflexão profunda sobre como o “ser mulher” é constantemente construído e tensionado por normas culturais.

A forma como Gerwig representa essa trajetória questiona a rigidez dos estereótipos impostos às mulheres — e aqui, a direção feminina torna-se essencial. É justamente por meio do olhar sensível e crítico de uma diretora mulher que o cinema passa a funcionar como um processo comunicativo de denúncia e desconstrução de padrões.

Ao fazer com que uma boneca – que representa a “mulher perfeita” – entre em crise diante das exigências sociais, Gerwig revela a opressão silenciosa que comanda o cotidiano das mulheres. E ao dar voz e visibilidade para essas contradições, a diretora amplia o espectro das representações femininas e, mais do que isso, contribui para a reconstrução da identidade feminina no cinema como um espaço de contestação, reflexão e transformação.

Dessa forma, a representação cinematográfica de gênero, quando feita por uma mulher, ganha potência não só pela denúncia, mas pelo olhar sensível às dores, desejos e possibilidades que perpassam a experiência feminina contemporânea. Nesse sentido, o cinema além de retardar a realidade passa a ser um espaço de contestação, reflexão e ressignificação da construção das identidades de gênero.

Por fim, no quarto capítulo analítico, a crítica social de Gerwig (2023) no filme se evidencia como uma ferramenta poderosa de reflexão sobre os espaços que as mulheres ocupam – ou são impedidas de ocupar – na sociedade e no próprio cinema.

Ao colocar a Barbie Estereotipada em um ambiente corporativo masculino, onde decisões sobre sua vida são tomadas por homens, a diretora escancara o quanto o controle sobre o corpo, a imagem e a identidade feminina ainda são monopolizadas pelas estruturas patriarcais.

Essa abordagem ganha um peso maior por ser realizada a partir do olhar de uma mulher, o que responde à pergunta de pesquisa. Em *Barbie* (2023), Gerwig transforma o cinema em um espaço de resistência, onde o “ser mulher” é ressignificado a partir de vivências reais, senso crítico e uma variedade de representações.

Ao evidenciar a discrepância entre Barbielândia e o Mundo Real, a diretora mostra como os papéis de gênero e as dinâmicas de poder se transformam (ou se mantêm), reforçando o quão enraizados são os mecanismos de dominação patriarcal. Nesse viés, a direção de Gerwig rompe com a lógica tradicional de representação das mulheres no cinema, historicamente construída a partir de olhares masculinos, e propõe um novo paradigma: um que reconhece a pluralidade do “ser mulher”.

A escolha de colocar as Barbies no controle de sua própria narrativa, mesmo que através de confrontos e reconstruções, subverte o lugar comum do feminino como objeto e o

reposiciona como sujeito da própria história. Gerwig, ao conduzir esse processo, responde com profundidade à proposta desta pesquisa, mostrando que, sim, a representação de gênero no cinema, quando realizada por uma diretora mulher, se assemelha mais às vivências e multiplicidades reais do “ser mulher” e tem o potencial de redefinir as formas como a identidade feminina é construída e percebida na sociedade.

Ao possibilitar que mulheres se reconheçam em narrativas que acolhem suas dores, contradições e potências, o cinema dirigido por mulheres transforma a maneira como o “ser mulher” é representado, vivido e sentido. Nas mãos de uma diretora, a câmera deixa de ser um instrumento de registro e se torna a extensão e representação plena de um olhar historicamente silenciado.

## REFERÊNCIAS

- ADORÁVEIS MULHERES. Direção: Greta Gerwig. Produção: Amy Pascal, Denise Di Novi e Robin Swicord. Columbia Pictures: Califórnia, 2019. 1 vídeo (135 min). Disponível em: <https://www.primevideo.com/detail/0N4IR3ZES01X8R9ZMXNLR1SJE3>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- ATWOOD, Margareth. Writing the male character. In: ATWOOD, Margareth. **Second Words: selected critical prose 1960-1982**. Toronto: House of Anansi Press, 1982.
- BARBIE. Direção: Greta Gerwig. Produção: David Heyman e Robbie Brenner. Warner Bros. Pictures: Califórnia 2023. 1 vídeo (114 min). Disponível em: [https://www.primevideo.com/dp/amzn1.dv.gti.17f2bd91-afd8-4ae8-8dbc-9c49066e771c?autoplay=0&ref\\_=atv\\_cf\\_strg\\_wb](https://www.primevideo.com/dp/amzn1.dv.gti.17f2bd91-afd8-4ae8-8dbc-9c49066e771c?autoplay=0&ref_=atv_cf_strg_wb). Acesso em: 22 abr. 2025.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Rio de Janeiro: ed. Nova Fronteira, 1980.
- BRITO, A. P. G.; OLIVEIRA, G. S.; SILVA, B. A. A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo, v. 20, n. 44, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2354>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Ed. 20. Rio de Janeiro, 2020.
- CEVASCO, Maria Elisa. **10 lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- COIRO, Ana Luiza. A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas. **Questões Transversais**, São Leopoldo, v. 4, n. 7, p. 28-36, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/12490/PDF>. Acesso em: 15 abr. 2025.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. Cultural identity and cinematic representation. **Framework**, London, n. 36, p. 68-82, 1989.
- HALL, Stuart. Que "negro" é esse na cultura negra?. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte, Ed. da UFMG, p. 335-349, 2003.
- LADY BIRD. Direção: Greta Gerwig. Produção: Scott Rudin, Eli Bush e Evelyn O'Neill. A24: Califórnia, 2017. 1 vídeo (94 min). Disponível em: <https://www.primevideo.com/detail/0IMW9V6LZ5LKM5IJF1C8VFMG4T>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- MITCHELL, Juliet. **Mulheres: a revolução mais longa**. *Gênero*, Niterói, v. 6, n. 2 – v. 7, n. 1, p. 203-232, 2006. Disponível em: <https://ieg.ufsc.br/storage/articles/>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- PRYSTHON, Angela. Stuart Hall, os estudos fílmicos e o cinema. **Revistas da USP**, São Paulo, v. 10, n. 3, set./dez. p. 77-88, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.11.606/issn.1982-8160.v10.i3p.77-88>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/122401/121879/0>. Acesso em: 22 abr. 2025.

THOMPSON, John. **Ideologia e cultura moderna:** teoria social e massa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.